

* Técnicas avançadas de propaganda, desenvolvidas de modo “científico”, dirigem a opinião pública e regulam em grande parte as relações sociais, agora como naquela época. Goebbels, o nazista, tem novas gerações de discípulos, e eles são astuciosos. As mentes são influenciadas através de mecanismos subconscientes.

* Armas sofisticadas e guerras não-declaradas são alta prioridade mundial, na política e na economia.

* Nos países ocidentais ricos, as armas biológicas são objeto de caríssima pesquisa científica durante os anos 2020, assim como na Alemanha dos anos 1930 e 1940.

* A eutanásia e outras práticas e experiências “médicas” estranhas estão na moda nos dois períodos.

* As máquinas são glorificadas, enquanto a vida humana é tratada como algo que não tem grande valor (pense no aborto).

* A tecnologia é uma grande fonte de fascínio para todos.

* O ódio sistemático e organizado é um sentimento central em política, ao lado da adoração cega de personalidades “famosas” ou supostamente poderosas.

À medida que a ciência é usada hoje de maneiras parecidas ao modo como era usada na Alemanha de Hitler, os cientistas se comportam como se fossem crianças irresponsáveis sem deveres éticos, e adotam como prioridade máxima a busca de altos salários.

John Cornwell escreve:

“A tendência tem sido de os cientistas ignorarem [os princípios éticos], assim como fizeram os cientistas de Hitler, retirando-se para um casulo de ‘pureza irresponsável’.” [1]

Como resultado, os membros da elite militar-científica da Alemanha nazista jamais perderam seus empregos. Tão logo foram derrotados na sua condição de nazistas, tornaram-se “democráticos”. Os cientistas de Hitler nunca foram julgados por coisa alguma do que fizeram. Ao contrário: foram contratados imediatamente pelos Estados Unidos para continuar com as suas atividades militares-científicas ocupando posições altamente confortáveis na América do Norte.

No entanto, as nações são obrigadas a fazer escolhas morais, e confrontam perigos éticos. A moralidade está ligada ao discernimento, e portanto é importante para a defesa de um país. Como um sinal de alerta, a página de abertura do livro de Cornwell mostra apenas esta frase de Rabelais:

“A ciência sem consciência é a ruína da alma.”

O axioma é correto, e a ruína da alma tem várias camadas de consequências. Primeiro, ela destrói a lucidez e o bom senso. Depois, a ausência de um forte sentido de ética e de metas comuns claras produz a gradual ruína das nações.

Períodos históricos febris como os das décadas de 1930 e de 2020 podem ser recorrentes. Podem ser destrutivos. No entanto, não podem durar muito tempo.

A alma humana é eterna, enquanto as ilusões têm vida curta. A verdade prevalece. A desonestidade costuma destruir a si mesma, mas a lei da justiça e do equilíbrio é central na vida.

Para aqueles que pensam no futuro, um calmo discernimento é essencial. O livro de John Cornwell tem grande utilidade para quem sabe que a verdadeira inteligência jamais se separa da ética. É um instrumento valioso para que possamos compreender melhor o mundo em nosso século, e desenvolver ações adequadas.

NOTA:

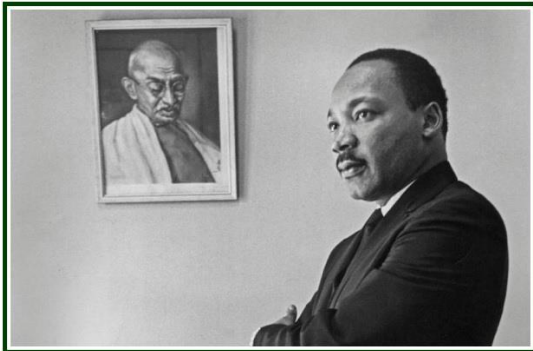
[1] “Hitler’s Scientists”, livro de John Cornwell, Penguin Books, 535 pp., ver p. 461. Há uma edição em português, intitulada “Os Cientistas de Hitler”.

000

O artigo acima foi publicado pela primeira vez em inglês no blog teosófico em “[The Times of Israel](#)”, no dia [9 de abril de 2023](#).

000

Leia mais:



* [Moshe Cordovero e a Mudança Social.](#)



* [Renovando o Compromisso da Alma.](#)

000

Pensar e Agir Devem Andar Juntos? **Georg Hegel Faz Um Alerta**



Hegel em seu escritório. O filósofo nasceu em 27 de agosto de 1770, e deixou de viver no mesmo ano em que Helena P. Blavatsky nasceu.

Por que um estudante de teosofia deve cultivar a sua força de vontade e fazer com que ela cresça ao longo do tempo?

Em sua obra “Filosofia da História”, Georg W.F. Hegel (1770-1831) faz um alerta sobre o perigo de cair no “hábito mental da reflexão vã”. O problema ocorre no estudo de filosofia nas universidades, mas também está presente no movimento teosófico.

O hábito mental da reflexão vã surge quando uma vontade fraca não é capaz de realizar, isto é, de tornar objetiva, a compreensão da verdade. Neste caso as funções mentais ficam ocupadas consigo mesmas e não chegam ao campo da ação. Dedicam-se, então, à adulação moral [1] e ao mecanismo pelo qual uma ilusão leva à outra. Porque a percepção correta da verdade, quando não há força moral para ligá-la à ação, não passa de uma ilusão, conforme vemos quando a observamos nos seus vários níveis de consciência.

Na teosofia e na filosofia clássicas, a percepção dos fatos deve ser completa. Precisa unir céu e terra, o ideal e a prática. A visão lúcida da realidade inclui a atitude correta diante das suas consequências éticas.

Ninguém está inteiramente livre do perigo apontado por Hegel. O alerta vale para todos nós.

A observação dos nossos erros e acertos deve ser diária, segundo ensina a tradição pitagórica. Qualquer expectativa de avanços espetaculares é não só uma perda de tempo, mas também uma armadilha.

NOTA:

[1] “Hegel”, em “Great Books of the Western World”, um volume que reúne os livros “The Philosophy of Right” e “The Philosophy of History”, 370 páginas. Ver a Introdução de “The Philosophy of History”, p. 166.

Filosofia da História:
**O Ponto de Vista Correto
Para Olhar Um País**



Georg Hegel (27 agosto 1770 - 14 novembro 1831), segundo gravura de Lazarus G. Sichling

Os teosofistas e leitores em geral podem perceber a maneira infantil como a maior parte dos historiadores aborda a evolução dos povos.

Os livros de História costumam ser amontoados cansativos de fatos políticos, militares e econômicos. Os historiadores escrevem catálogos. Procuram informar quem governou qual área geográfica antes de quem; que guerras cada um promoveu; e, finalmente, quando foi derrubado, deposto, exilado ou morto.

As intenções dos líderes não são examinadas. Ignora-se a presença da alma. Fala-se pouco das religiões, e quando se fala, apenas o seu aspecto formal, externo, é abordado. As filosofias e visões de mundo que estão atrás dos fatos são ignoradas.

Os livros que podemos ler da História do Brasil, de Portugal e outros países registram apenas a história material e física destes povos - como se os países não evoluíssem no plano da alma.

Ignoram a busca ética e espiritual que ocorre o tempo todo na vida das pessoas. E, pior, ignoram a existência do altruísmo, do idealismo, da busca do melhor e do mais elevado.

Os grandes líderes de todos os povos são tratados pelos historiadores convencionais como meros buscadores de poder pessoal. Uma tal história apenas registra fatos, datas, locais e nomes. A evolução interior do ser humano não interessa aos historiadores.

No entanto, Hegel e outros filósofos descrevem corretamente a História como o estudo da evolução do Espírito através das sucessivas estruturas e situações sociais.

O propósito da evolução de um povo é o crescimento da sabedoria da alma.

O fracasso frequente das mais diversas revoluções, golpes de estado, conspirações, revoltas, guerras, guerrilhas e mesmo vitórias eleitorais é - ou deveria ser - um convite para que todos examinemos as seguintes questões:

* Qual é a chance de haver uma melhora real e durável na sociedade, enquanto o ser humano não melhorar a si mesmo?

* Sejamos realistas. Aceitemos o fato de que o cidadão é o tijolo básico da construção social, e que um prédio ou estrutura coletiva só aguenta o seu próprio peso se os tijolos forem moralmente corretos e resistentes. Neste caso, quando o ser humano decidir que melhorará a si mesmo como prioridade, qual será o caminho eficiente para esta “reforma do mundo através da reforma de si mesmo”?

Poucos historiadores compreendem qual é a utilidade da História.

Conhecer a evolução dos povos não serve apenas para aprovar um exame ou fazer teses de mestrado e doutorado. A História precisa ir além do horizonte estreito das fábricas de diplomas.

O conhecimento histórico é útil quando tiramos lições do passado para construir um futuro melhor.

Os pensadores que abordam temas históricos têm a bênção de poder aprender a tirar do passado lições úteis para a construção de um futuro melhor. E esta é uma função que requer a presença ativa da alma. Requer sentimentos. Sugere a necessidade de pensar por si mesmo, de pensar construtivamente, e não só memorizar e regurgitar informações de modo mecânico. Exige a intenção viva e durável de fazer um país encontrar a paz interna, e a harmonia externa.

000

Sobre o enfoque da História, veja os artigos a seguir, em torno da Guerra dos Farrapos.

000

Leia +:

* [Despertando das Guerras do Ópio](#).

* [A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial](#).

000

Lições da Guerra dos Farrapos - 1

Em 1838, o Jornal Farroupilha Definiu a Função da Mídia Moderna



Um combatente farroupilha e o jornal O POVO de 1 de setembro de 1838

O pequeno jornal “O POVO”, publicado primeiro em Piratini e depois em Caçapava do Sul, viveu de 1838 a 1840. Com apenas 4 páginas, saindo duas vezes por semana, foi o principal jornal da República Rio-Grandense - a antiga, ideal e sonhada república farroupilha que até hoje inspira milhões de brasileiros.

No seu número 01, de primeiro de setembro de 1838, O POVO faz quase profeticamente a seguinte avaliação e proposta de futuro para os meios de comunicação social:

“O ofício do jornalista, hoje em dia, por culpa de muitos suspeito e merecidamente em parte inflamado, é ofício santíssimo, quando exercido retamente e se não desvia da sublime e luminosa carreira que os novos destinos da humanidade lhe confia.”

“Aquele que se propõe a escrever para um Povo, e mais particularmente para um Povo que está para surgir à nova vida, tem que assumir o caráter de sacerdócio; e para que a voz dele soe venerada e cara entre as multidões deve, como a do intérprete de Deus, ser forte, pura e solene. O jornalista, enfim, para não ser inferior nem à sua missão nem à nossa época, deve ser essencialmente ‘Educador.’”

“Nós, sem nos presumirmos capazes de conduzir dignamente uma tão árdua tarefa, queremos ao menos apontar o nobre fim, ao qual têm que se dirigir os esforços e as miras daqueles que amam sinceramente a Pátria e os homens; e a cujo alvo dirigimos nós também nossas tênues fadigas.”

“E, agora, perguntamos nós: todos estes jornais sem vida, e sem alvo, a não ser aquele vergonhoso do lucro, verdadeiras torres de Babel onde se vê a soberba e a confusão; e que saem corajosamente para todo o Império a cada dia, não sei se mais para experimentar a constância do que para cansar a excessiva bondade dos assinantes, cumprirão eles à santidade dos seus deveres?”

“Invejas pueris, litígios pessoais, disputas insolentes de interesses materiais e locais, não liberam [1], não, o escritor público de sua obrigação! Mas a pregação de princípios fecundos, de verdades luminosas e de profundas virtudes, só pode convencer [2] o escritor consciencioso de ter cumprido com a santidade dos seus deveres.”

“Nós, isto tentaremos fazer, mas, livres e independentes como o cidadão da verdadeira República, queremos concorrer à construção [3] Nacional com o nosso muito diminuto préstimo, porém, sempre com aquele desenvolvimento de ação peculiar e próprio de cada indivíduo.”

Ao contrário do que pensam os desinformados, estas ideias podem falar mais do futuro do que do passado. Durante as décadas de 2020 e 2030, talvez seja oportuno resgatar a visão clássica e ética sobre o dharma e o dever dos meios de comunicação social.

NOTAS:

[1] Liberam - no original, “desagravam”, expressão que no século 21 muitos podem não conhecer. (CCA)

[2] “Só pode convencer...” - no original, “pode só fazer certo...”. Adaptamos a linguagem clássica para tornar a frase compreensível hoje. (CCA)

[3] Construção - no original, “edifício”. (CCA)

000

Leia mais:

* [O Espírito da Revolução Farroupilha.](#)

* Assista ao vídeo [“A História Espiritual do Brasil”](#).

000

Mudando a Civilização Para Melhor: **Brasil Propõe Abandono do Dólar e Quer Criação de Moeda do BRICS**

Em 2023, está mais do que na hora de abandonar o dólar e criar moedas alternativas, mais solidárias, menos imperiais. O império dos Estados Unidos, grande fabricante de guerras, desabou, e convém sair de perto, ainda que gradualmente. [Veja a notícia na CNN Brasil.](#)

000

Lições da Guerra dos Farrapos - 2

Em 1839, a República Farrroupilha Esclareceu o Problema do Ocidente



O jornal O POVO de 4 de setembro de 1839 e o Brasão de Armas da República Farrroupilha, com inscrições que expressam o ideal maçônico.

Nem todos percebem uma coisa básica: o tamanho da alma é mais importante que o tamanho físico. A força do espírito é sempre decisivo. A força física, nem sempre.

Portanto, não nos enganemos com as grandes capitais.

Os pequenos países e as pequenas cidades fazem a diferença para melhor, especialmente quando sua visão histórica é ampla. [1]

O êxito dos grandes países depende de eles respeitarem e preservarem as pequenas comunidades em seu interior. Também as grandes cidades devem respeitar cada bairro e cada rua, se quiserem prosperar de modo durável.

Um exemplo da riqueza dos pequenos países e das cidades modestas está disponível no ano de 1839. Naquele momento, Caçapava do Sul era a capital da República Rio-Grandense, a República Farrroupilha, que existiu durante dez anos, a partir de 1835.

Foi um país pequeno no espaço e pequeno no tempo, mas digno de grande respeito. Ao lado de vários maçons de destaque, Giuseppe Garibaldi é um dos maiores líderes da República dos Farrapos. A teosofista Helena Blavatsky foi amiga de Garibaldi e de seus filhos, e lutou junto às tropas de Garibaldi na batalha de Mentana, na Itália, em 1867.

Em 1839, o jornal O POVO, de Caçapava, era o principal jornal farroupilha. Em sua edição de 4 de setembro, publicou um artigo que explica em poucas palavras um problema central para todas as nações do Ocidente, amplamente materialistas. No século 21, este desafio talvez seja ainda mais sério do que em 1839.

Caçapava estava olhando na frente. Estava vendo o presente e os germes do futuro.

O artigo, intitulado “Crise Moral do Brasil”, foi provavelmente escrito pelo brasileiro Evaristo da Veiga. Havia sido publicado pela primeira vez anos antes, no jornal “A Aurora Fluminense”, do Rio de Janeiro. O pequeno e pobre jornal revolucionário “O POVO” fez suas as palavras da “Aurora”.

Examinemos alguns trechos do artigo de capa, e vejamos se não é mais atual do que nunca na década dos anos 2020:

** “Que a imoralidade é a chaga secreta que rói o nosso corpo social; que nós estamos em uma espécie de crise, que tem a sua principal origem no estado deplorável dos sentimentos públicos e individuais, todo o mundo mais ou menos o reconhece; todo o mundo lastima as suas consequências, sente a sua gravidade sempre progressiva, e assinala com um certo assombro do futuro a sua influência sobre a direção que leva o nosso país, desde alguns anos. Mas reconhecendo a origem do mal, nem o governo, nem o país, cumpre dizê-lo, têm feito o menor esforço para retê-lo em seu curso, dando uma solução à crise moral que nos agita.”*

** “Para o Ministério anterior a questão estava resolvida; tratava-se simplesmente de especular sobre as tristes disposições dos espíritos, de tirar partido de todas as más tendências; enfim de assentar o seu edifício governativo sobre a base mesma da degeneração pública.”*

** “Em vez de dar outra direção aos sentimentos, honrando-os, pondo em moda a honestidade, o desinteresse [2], o patriotismo, debelando as paixões cúpidas e ignóbeis, esse Ministério fez positivamente o oposto; levou os homens pelo declive suave e escorregadio do egoísmo; e ele mesmo, separando a moral da política, desterrando da arte de governar a verdade de todos os princípios, abriu exemplos que não podiam deixar de agravar ainda mais o estado das ideias.”*

Qual a alternativa?

O POVO adotou como seu lema um axioma do movimento “Jovem Itália”, a que Giuseppe Garibaldi pertencia. A frase resume uma parte fundamental do propósito farroupilha:

“O poder que dirige a revolução tem que preparar os ânimos dos Cidadãos aos Sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Pátria.”

Em outras palavras, o poder moral vem antes do poder material. Não basta exigir ética dos nossos semelhantes. É preciso construir ética em nós mesmos, nas nossas comunidades, e fazer com que ela se transmita pela força do exemplo.

NOTAS:

[1] O Visconde de Figanière faz uma curta e decisiva defesa dos pequenos países no Proêmio da sua obra “A Liberdade e a Legislação”, publicada em Petrópolis, RJ, em 1866, e com 204 páginas. (CCA)

[2] Desinteresse: inegoísmo, ausência de interesses egocêntricos. (CCA)

000

O Barão de Itararé Examina a Essência da Tecnocracia Atual

O homem moderno enlouqueceu definitivamente. Nos dias que correm, ninguém mais se admira de ver um limoeiro galego produzindo azeitonas italianas, sem caroço, ou um tomateiro gigante do Turquestão vergando os galhos, sob o peso de melões portugueses, prontos para a exportação.

Mas o homem da era atômica não está operando essas metamorfoses apenas por meio de enxertos, cruzamentos ou hibridismos. Muitas vezes, ele recorre à faca, ao serrote, ao bisturi, e, então, já vai fazendo as coisas com maus modos. Hoje há mais uma arrojada experiência do célebre professor escocês MacAckow, que está atualmente na Alemanha, a serviço do chanceler, pretendendo, pela cirurgia plástica sob medida, transformar um gorila africano e cabeludo num ariano puro, dolicocefalo e louro, capaz de provocar, depois de devidamente barbeado e penteado à la Hitler, um novo e violento movimento racista.

(Barão de Itararé)

[Do livro “**Conversas na Biblioteca**”, de Carlos Cardoso Aveline, Edifurb, Blumenau, SC, 2007, p. 150.]

000

Leia +:

* [O Otimismo e a Filosofia Esotérica.](#)

* [Felicidade Aqui e Agora.](#)

* [A Guerra Mundial em Nossas Mentas.](#)

000

Helena Blavatsky: **Condições Necessárias Para Que a Alma de Um Cachorro Se Torne Humana**



Um famoso escritor afirma:

“O sofrimento é um remédio divino vindo do céu.”

A lei da *compensação* está ativa também no mundo animal. Um cachorro que tem de usar a sua própria sagacidade para encontrar comida desenvolverá antes os seus poderes psíquicos nesse aspecto, do que aquele que não faz nada além de comer e dormir; e a mônada individual ou diferenciada do primeiro alcançará mais cedo as condições necessárias para entrar no reino humano.

Estão presentes no reino animal os rudimentos da esperança, da paciência, da fé, da fidelidade, da confiança, etc. Ao colocar estas qualidades em prática, elas se tornarão mais fortes e, como nenhum esforço na natureza é perdido, isso terá sua utilidade. Se entendermos as leis do universo, não veremos qualquer falha nelas, e teremos a certeza de que é inútil tentar melhorar ou corrigir a Sabedoria Suprema, ou “Deus”.

(Helena P. Blavatsky)

[Traduzido por CCA de “Collected Writings”, H.P. Blavatsky, TPH, EUA, vol. VI, pág. 237, artigo “Karma”.]

Tirando Lições do Sentimento de Culpa



É impossível ter otimismo sem conhecer o sentimento oposto. Aquele que deseja estar em paz consigo mesmo deve possuir o realismo necessário para, de vez em quando, sentir remorso.

A dor de enxergar os nossos erros é uma indispensável lição de modéstia. Só vendo as falhas podemos fazer as correções necessárias.

No entanto, muitos reprimem o sentimento de culpa. Empurram-no para o subconsciente, para não terem de sentir-se conscientemente mal com si mesmos. E para alguns, a visão dos seus fracassos é tão dolorosa que eles inventam subconscientemente uma autoimagem de seres infalíveis e extraordinários, visando compensar a negatividade.

De onde vem o remorso?

Há muitas causas para o desconforto consigo mesmo. Uma delas é a sensação, pouco percebida no plano consciente, de que não fazemos tudo o que nossa consciência diz que deveríamos fazer. O sentimento de que não somos tão bons, nem tão sábios, quanto a voz da nossa consciência exige que sejamos, ou quanto gostaríamos de ser.

Ao invés de fugir da sensação de fracasso, o peregrino deve examiná-la com calma, sabendo que todo ser humano bem-intencionado é uma combinação de êxito e fracasso, qualidades e defeitos, vitórias e derrotas.

É possível dizer que, “quando avança na direção certa e com meta nobre, o peregrino vai preparando lentamente a sua vitória à medida que aprende com as derrotas e observa as falhas desde o ponto de vista do potencial divino”.

Cabe eliminar as Causas do erro. Os defeitos são principalmente sintomas da falta de sabedoria. O problema central não está nos erros em si, mas na ausência de conhecimento divino, que faz com que eles aconteçam.

O arrependimento abre as portas para que o ser humano melhore a si mesmo. Por isso, é um tema central no cristianismo e no judaísmo, estando presente em todas as religiões. Para o peregrino teosófico, arrepender-se das suas falhas faz parte do indispensável exame de consciência, recomendado também pela tradição pitagórica. Significa libertar-se das amarras desnecessárias do passado para tentar o melhor outra vez, e renovar-se sempre.

Antes da bênção, vem o arrependimento.

Deve haver uma e outra vez uma ocasião para observar nossas derrotas, nossas limitações e fracassos. O desafio pode ser enfrentado com franqueza. Não há nada como um olhar direto para os fatos. Trata-se de um momento de purificação. Depois virá o alívio do renascimento interior. Cabe rejeitar com calma os erros, para que haja uma expansão dos acertos.

000

Leia também o artigo "[A Arte de Arrepender-se](#)".

000

Conheça a sabedoria da vida simples:



* [A Teoria da Felicidade, Segundo Einstein.](#)

000

Ideias ao Longo do Caminho

A Antiga Arte de Ajudar e Ser Ajudado



* **H**á algo que devemos lembrar todos os dias: se a meta é nobre, o propósito dos obstáculos é fortalecer nossa vontade.

* A existência de dificuldades ensina o peregrino a desenvolver o poder da paciência, e faz com que ele aprenda a enxergar oportunidades valiosas ali onde antes ele não via nada.

* Quando o eu inferior se sente limitado, fica mais fácil erguer o foco da consciência até os planos elevados de percepção.

* O eu inferior pode ser obstaculizado, mas a alma espiritual flui livre em quaisquer circunstâncias.

O Mundo da Alma e o Mundo Externo São um Só

* Talvez você sinta que nada tem a dizer ou perguntar a seus semelhantes - exceto sobre a busca da sabedoria eterna. Neste caso o diálogo com os outros deve ser temperado pela vivência do silêncio interior. O carma e o silêncio mostrarão que o diálogo pode ocorrer em grande parte sem palavras, e ser mesmo assim legítimo.

* Quando a percepção da verdade mais alta está acumulada em quantidade suficiente no espírito de alguém, pelo menos uma parte deste nível de consciência se transmite por osmose para outras pessoas, com uma ajuda maior ou menor do diálogo e do testemunho. A palavra correta é então um convite para que alguém olhe a verdade de frente, por mérito próprio.

* Para lá dos limites do mundo verbal, não é só o exemplo concreto em si que transmite uma visão ampla da vida para aqueles que têm a capacidade de percebê-la. É também a força magnética, o “poder gravitacional sem palavras” da vida prática do peregrino cuja alma está há longo tempo concentrada no alto.

* Este efeito não pode ser percebido no plano da consciência superficial. Além disso, ele é mais eficiente quando funciona sem chamar atenção.

* Olhando para dentro de si, o peregrino irradia espontaneamente o seu ponto de vista para o todo. Não há por que inquietar-se: usar palavras enfáticas nem sempre ajuda. Ao contrário.

* Se olhar com ingenuidade para fora, ou se esperar demasiado das circunstâncias, o peregrino se afasta da fonte da sua força espiritual. E esta fonte é a essência dele mesmo. Ela é o centro do seu ser, embora seja impessoal e não tenha nome.

* O mundo interior e o mundo exterior são inseparáveis. Olhando bem para qualquer um deles, vemos o outro.

* A compreensão lúcida do mundo espiritual renova a visão que temos sobre o mundo físico. Em qualquer aspecto da realidade, a ação correta é aquela que vem da alma e expressa a vontade espiritual.

Ação Decisiva e Silêncio Profundo

* Um esforço intenso é estimulante para a alma, e a tranquilidade e o repouso também são necessários.

* A sabedoria dificilmente tem pressa.

* Podemos buscar paz e sossego, mas às vezes o sossego vem até nós, por si mesmo.

* Há durante cada ciclo anual algumas ocasiões especiais. Nelas o peregrino sente que merece um certo tempo em que o ritmo das ações externas esteja desacelerado. Este é um momento para expandir a sua capacidade de ouvir o silêncio. É uma ocasião para aprender naquele nível do mundo sagrado onde todos os sons físicos são ruídos desnecessários. Neste patamar de percepção as lições não têm palavras, porque não vêm de fora para dentro, mas nascem na alma do peregrino.

Ajudar e Ser Ajudado

* Alguns pensam que, ao se envolverem intensamente com esta ou aquela circunstância externa, conseguirão controlar melhor aquilo que é importante para seu contentamento e sua felicidade. Como resultado, ficam apegados a todo tipo de fatos ilusórios, incluindo a luta por posses materiais e posição social.

* Tentando reformar as circunstâncias, eles esquecem de melhorar a si mesmos. A teosofia ensina que, embora as circunstâncias sejam importantes, cuidar delas não é suficiente. O caminho para alcançar o contentamento consiste sobretudo em melhorar a si mesmo, e não só em provocar mudanças externas, por mais importantes que elas pareçam.

* Transcender o egoísmo significa liberdade.

* A alquimia necessária para conhecer a si mesmo e melhorar a si mesmo inclui ser útil para os outros e para as comunidades, sem expectativa de controlar as circunstâncias, sempre mutáveis.

* Em Teosofia, o processo prático de ser útil, assim como o processo de ser ajudado, é raramente visível. É principalmente anônimo. Frequentemente ocorre no nível da alma espiritual.

000

São Ingênuos os Que Negam a Importância da História Ou Desprezam a Experiência Acumulada dos Povos

Foi apenas devido à sua ingenuidade e à sua notável desinformação sobre a Lei do Carma que o guru indiano **Jiddu Krishnamurti** ensinou a desprezar a História dos povos e as tradições culturais, assim como a considerar inúteis as religiões antigas.

Como florescimento desta ignorância disfarçada sob a aparência de saber espiritual, surgiu depois a moda da “cultura do cancelamento”, a negação militante do passado, com sua exigência absurda de que se faça de conta que o passado histórico não existe, ou não tem importância.

O desprezo pelo passado é um erro fatal. É também uma forma de negação da cultura e das próprias bases do convívio social, porque a estrutura da cooperação humana é um produto concreto da história, isto é, da caminhada prévia.

Quem não conhece a experiência de séculos anteriores está condenado a repetir os erros cometidos. Aquele que aprende com os fracassos e acertos das gerações prévias pode aprimorar a si mesmo e melhorar a sociedade em que vive.

Passado, presente e futuro são apenas aspectos do tempo eterno.

O passado contém as sementes saudáveis do futuro que cabe construir. O respeito pelo passado está ligado ao respeito pelas gerações anteriores, mas também à amizade pelas gerações futuras. O tempo é um só. Não existe um “agora” cirurgicamente separado do que aconteceu, ou do que acontecerá.

000

Leia para Renovar:



* [A Arte de Renascer a Cada Dia.](#)

Lucidez, Loucura e Bom Senso

O Aprendizado Surge de Tudo Com Que Entramos em Contato



“Eu e os homens notáveis de Atenas nada sabemos, e a única diferença entre eu e eles é que eu, nada sabendo, sei que nada sei, enquanto que eles, nada sabendo, pensam que sabem muito”.

Sócrates [1]

Para a teosofia a vida tem o propósito de proporcionar experiência, aprendizagem e aperfeiçoamento da alma. E nesse sentido, Robert Crosbie escreveu: “o propósito da vida é aprender e (...) tudo é aprendido”. [2]

Encarar o processo de viver como um sistema de aprendizagem traz muitas vezes um tipo de libertação. A vida perde o possível caráter penoso quando se descobre que é dela que jorram as águas das lições mais cristalinas.

Há um bom número de indivíduos que ficam presos a determinados acontecimentos e padrões psicológicos e com isso perdem a capacidade de adquirir novas experiências, e novos níveis

de conhecimento. É preciso aprender as lições associadas a determinadas experiências, para que o indivíduo possa seguir adiante no aprendizado da alma.

O axioma “o conhecimento liberta” é bem familiar para muita gente. E o axioma tem diversas camadas de significado. O conhecimento, em teosofia, abrange a mente, o coração e a ação. Portanto, o conhecimento não é meramente intelectual. Quando o conhecimento abrange essas diversas dimensões, transforma-se em aprendizado. Só aí o conhecimento pode ajudar o peregrino a libertar-se de ilusões.

Se as pessoas se concentrassem mais em perceber o que determinados acontecimentos têm para lhes ensinar, em vez de se concentrarem nos aspectos ilusórios da vida, talvez houvesse menos sofrimento para todos.

Viver cada acontecimento como fonte de lições dissipa rancores, melancolias, ingenuidades, vaidades, medos e tantos outros fatores que impedem o progresso em experiência e conhecimento.

O aprendizado surge de tudo com que entramos em contato. Seja uma caminhada ou uma conversa com amigos, seja uma dor ou uma alegria, seja o convívio com um animal de estimação ou uma planta da qual cuidamos, tudo é fonte de ensinamentos, e tudo tem o potencial de proporcionar autoconhecimento e autoaperfeiçoamento.

Para que o aprendizado da alma ocorra, é preciso criar as condições internas adequadas. Pouco adianta o peregrino ler a melhor e mais completa obra esotérica ou escutar alguém mais experiente se ele não estiver disposto a aprender.

O estudo das Cartas dos Mahatmas mostra bem essa realidade. Um grupo de pessoas teve o privilégio de trocar correspondência com Mestres de Sabedoria, de colaborar na Causa dos Mestres e receber os mais importantes ensinamentos. Quando lemos as Cartas percebemos que foram poucos aspirantes ao discipulado que queriam de fato aprender. A maioria aproximou-se do movimento teosófico com a esperança infantil de que o conhecimento pudesse ser transmitido como se de um passe mágico se tratasse. Outros queriam apenas desenvolver siddhis (poderes) inferiores. E mesmo entre aqueles cuja busca pela verdade foi sincera, houve quem fosse traído por sua própria vaidade, inveja e covardia.

“É impossível colocar chá numa xícara que está repleta com outra substância”, diz um texto publicado nos websites. [3] Aprender requer coragem, confiança e humildade em abundância. É preciso que o peregrino se esvazie de falsas esperanças, de conhecimento supérfluo, rótulos e artimanhas.

Deixando de Lado as Máscaras

Numa sociedade que vive de aparências, poucos são aqueles que estão determinados a viver sem máscaras. E o uso de fantasias cria confusão para todos. As máscaras podem gerar um sentimento de segurança para aqueles que se servem delas, mas essa segurança é ilusória. As máscaras tiram o sentido de realidade e, mais do que iludir os outros, as máscaras afastam para longe o verdadeiro eu de quem as coloca no próprio rosto.

A edição de julho de 2020 de “O Teosofista” [4] apresenta um texto de Gibran com o título “Como Me Tornei Louco”. O texto, apesar de curto em palavras, é extenso em significado e

sabedoria, como ocorre com grande parte dos escritos de Gibran. O autor confessa que ficou louco no dia em que, depois de acordar de um longo sono, notou que lhe roubaram todas as suas máscaras - máscaras essas criadas por ele próprio e usadas por ele. Foi sem as máscaras que o Sol tocou a sua face nua pela primeira vez e que a sua alma se inflamou de amor pelo Sol, o que fez com que ele nunca mais quisesse saber de suas máscaras e abençoasse os ladrões que as roubaram.

Não é por acaso que Gibran associa o despertar de um longo sono à perda de máscaras. Enquanto se usa disfarces não se pode estar desperto para a vida, para o conhecimento e a experiência.

As máscaras funcionam como barreiras que impedem que o peregrino avance no conhecimento de si próprio e do mundo que o rodeia. É sem máscaras que o Sol - símbolo do centro da vida, de Atma – toca através de sua luz (símbolo de Buddhi) a face. A face tem muitas vezes o significado de caráter. Mas a face física de cada indivíduo é também algo que, pelo menos à primeira vista, mais o distingue dos outros indivíduos. Por isso, a face pode ser um símbolo do eu individualizado.

O eu individualizado aproxima-se da alma imortal, da verdade, da luz da compreensão e da boa vontade, ao retirar as máscaras. É também na face que reunimos todos os sentidos, sentidos esses através dos quais podemos adquirir percepção e experiência. No entanto, para fazer um bom uso dos sentidos e não sermos escravos deles, é preciso fazer chegar até eles a luz do sol interior, da alma espiritual. É então que a luz ilumina o pensar, o escutar, o falar e o agir.

O personagem louco de Gibran, assim como o personagem Idiota de Dostoievsky, mostra bem que aquele que se recusa a participar do baile de máscaras não é visto da melhor maneira por quem está no salão de dança. Para alguns é necessário coragem para enfrentar o desconhecido e aquilo que muitos consideram ridículo e desconcertante. Mas o que é isso comparado com o sofrimento gerado por não escutar a própria consciência?

O Abandono da Inteligência Astuciosa

Só o “idiota” pode aprender aquilo que é valioso para o aprendizado da alma. E por quê?

Carlos dá a seguinte resposta:

“...Quando se desperta a inteligência espiritual, perde-se, irremediavelmente, a inteligência astuciosa que permite coisas como mentir com habilidade, usar a lisonja na medida certa e falar a verdade só quando ela traz vantagens. Desse despertar vem a sensação de nada saber diante do mundo. A expansão mística da consciência traz consigo uma inocência idiota em relação à realidade externa.”

“...Os sábios, como os idiotas, são íntegros. Eles não fingem que são inteligentes e não têm medo de errar. Tentam, erram e conhecem o sabor da derrota. Mas, quando acertam, são geniais. O idiota de hoje pode ser o sábio de amanhã, graças à experiência adquirida. Em compensação, aquele que não possui ânimo para tentar não tem chance alguma de aprender.”[5]

É tentando e errando que aprendemos e chegamos ao acerto. É sendo puros como as crianças que nos tornamos dignos de alcançar o conhecimento espiritual. Se no mundo atual o egoísmo e a astúcia são símbolos de inteligência, sejamos então os loucos e os idiotas que tentam fazer das suas vidas exemplos de altruísmo, virtude e esperança.

Carlos já comentou que, segundo a tradição, São Francisco de Assis, quando atingiu a iluminação na sua juventude, teve uma espécie de crise de loucura.

Encerro com estes versos de São João da Cruz:

“Para chegares a saborear tudo,
Não queiras ter gosto em coisa alguma.
Para chegares a possuir tudo,
Não queiras possuir coisa alguma.
Para chegares a ser tudo,
Não queiras ser coisa alguma.
Para chegares a saber tudo,
Não queiras saber coisa alguma.” [6]

(Joana Maria Ferreira de Pinho)

NOTAS:

[1] Do artigo “[Um Elogio aos Idiotas](#)”, de Carlos.

[2] Do artigo “[O Propósito da Vida](#)”.

[3] Do texto “[Os Sete Princípios da Consciência](#)”, de Carlos.

[4] De “[O Teosofista](#)”, julho de 2020, p. 2.

[5] Do artigo “[Um Elogio aos Idiotas](#)”.

[6] Do artigo “[Um Elogio aos Idiotas](#)”.

000

O artigo “**Lucidez, Loucura e Bom Senso**”, de Joana Maria Ferreira de Pinho, é o texto de abertura de um estudo semanal da Loja Independente de Teosofistas realizado no primeiro trimestre de 2023.

000

Clique para ver em inglês uma notícia do [New York Times](#) confirmando que o Dalai Lama admitiu ter recebido [dinheiro da CIA](#), a agência de espionagem dos Estados Unidos.

000

A Corrupção de Hollywood Floresce no Budismo? **Dalai Lama Recebeu Fortunas da CIA**



Cedo ou tarde a verdade surge em cima da mesa, e nem sempre ela é agradável.

O atual Dalai Lama, por exemplo, que muitos consideram um santo, recebeu fortunas da CIA durante a década de 1960:

<https://www1.folha.uol.com.br/fol/inter/ult150998039.htm>

O fato é público e notório há bastante tempo. A notícia, incontestável, é de 1998. O próprio Dalai Lama confirma a notícia. Vale a pena ver um breve vídeo em inglês sobre a estreita cooperação do Dalai Lama com a CIA:

https://www.youtube.com/watch?v=kffbalXTTLo&ab_channel=SideQuest

A relação histórica da espionagem norte-americana com o budismo tibetano ajuda a explicar o súbito entusiasmo de Hollywood e de seus atores - e até de políticos norte-americanos - por esta variedade de budismo.

É fácil ver também que o budismo “tibetano” foi dominado desde o século vinte pelo marketing, pelo dinheiro e pela indústria de “famosos” da sociedade ocidental decadente.

Na verdade, porém, a força moral, o poder da alma e a pureza do espírito não são dados por este ou aquele guru famoso. Devem ser encontrados na alma de cada pessoa de boa vontade. Sua fonte está longe das burocracias sacerdotais corrompidas. Neste caso, temos uma organização sacerdotal “muito eficiente em marketing”, sendo financiada por uma agência de espionagem como a CIA, que é conhecida por suas ações *nada religiosas*, mas está amplamente infiltrada na classe artística. Não parece ser algo que um verdadeiro budista possa considerar aceitável.

